

Nega-se o choque, mas se fala dele.

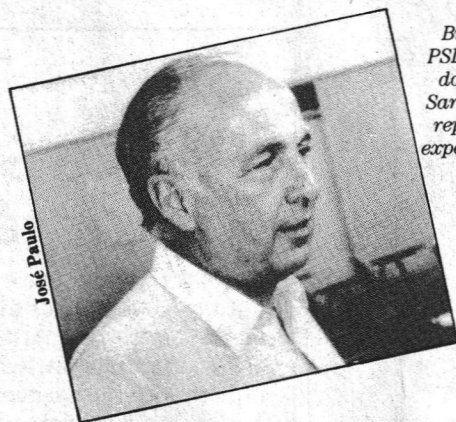
Os rumores de que o governo deverá tomar, em breve, medidas mais duras para combater a inflação foram reforçados ontem após a transmissão do programa semanal de rádio do presidente Sarney, no qual ele prometeu "um combate sem quartel à inflação", que caracterizou como "esse monstro devorador de salários, destruidor do equilíbrio econômico, desmoralizador do valor da moeda e fonte de inquietações, de incertezas e insegurança". Em seu programa, porém, Sarney ressaltou que não se deve esperar "pacotes mágicos, medidas salvadoras". E garantiu: "Não repetiremos experiências que não deram o resultado desejado", numa referência aos dois choques anteriores (o Cruzado e o Plano Bresser).

As afirmações do presidente Sarney ocorreram um dia depois de o ministro do Planejamento, João Batista de Abreu, ter admitido a possibilidade de um choque, após as eleições de novembro, mas desde que com reais chances de resolver os problemas da inflação. Em Berlim, onde o ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, participa da assembléia anual do FMI e do Banco Mundial, técnicos do Fundo admitiram a hipótese de um choque na economia brasileira (veja matéria na página seguinte).

O presidente Sarney disse em seu programa que, depois de regularizado o setor externo e concluída a Constituinte, o País entra em uma nova fase: a do combate à inflação.

Mercados calmos

Apesar dos boatos que circularam pelo pregão, sobre um possível choque econômico que viria no próximo dia 4, a alta de 2,8% verificada na Bolsa de Valores de São Paulo é atribuída, principalmente, a um movimento natural do mercado. Já no mercado de ouro e no **black** as oscilações das cotações foram provocadas pelos boatos de



José Paulo

Bresser: o PSDB a favor do choque. Sarney: "Não repetiremos experiências".



Arquivo

operação de conversão informal da dívida, envolvendo de US\$ 15 a US\$ 20 milhões.

Toda a movimentação fez com que as cotações do ouro, na abertura de ontem, batessem nos Cz\$ 7.000 por grama. Só que a operação de conversão acabou não se confirmando e o Banco Central entrou na Bolsa Mercantil & de Futuros, vendendo o metal, para forçar uma baixa.

Doente preparado

"Partir para qualquer choque neste momento seria o mesmo que iniciar um vôo cego e as experiências anteriores mostraram que não deram certo", reagiu o primeiro vice-presidente da Fiesp, Carlos Eduardo Moreira Ferreira, à hipótese de um novo choque na economia. Ele expressou a opinião de outros empresários que não querem nem ouvir falar em choque sem que o governo cumpra primeiro a promessa de cortar o déficit público. "Enquanto não houver dispensas nos quadros funcionais do governo não se pode dizer que estejam sendo contidos os gastos públicos. Não se corta déficit sem dor", ele afirmou.

O choque econômico, disse o professor Roberto Macedo, diretor da Faculdade de Economia da USP, requer um tratamento prévio da economia, e, por isso, "é

fundamental preparar o setor público com medidas saneadoras", como o controle dos gastos e a formação de estoques reguladores. Ele alerta para o fato de que o aperto da política monetária é outra exigência, pois não se pode emitir ou colocar papéis no mercado. "Se o doente estiver bem preparado, o remédio pode fazer efeito. Caso contrário, os problemas voltam com mais força", em sua opinião.

A terapia já usada por dois ex-ministros, Dílson Funaro e João Sayad, com o Plano Cruzado, voltaria a ser utilizada, se dependesse do PSDB, o partido dissidente do PMDB que conta com Funaro e Sayad em seus quadros. O PSDB quer um novo choque heterodoxo, com congelamento de preços e salários e um rigoroso combate ao déficit público. "Essa será a principal diferença com relação ao Plano Cruzado. Dessa vez, vai se combater de fato o déficit, com uma reforma administrativa que racionalize o setor público", afirmou o ex-ministro da Fazenda Luis Carlos Bresser Pereira, também filiado ao PSDB. As sugestões fazem parte de um documento elaborado pelo cientista político Hélio Jaguaribe e os economistas André Lara Resende e Edmar Bacha, apresentado em um seminário do PSDB sobre a economia brasileira e as soluções para a crise.